



UNIVERSIDADE SANTO AMARO
CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA - EAD
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

Beatriz Marques Ferraz

CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE: O GRAFFITI RELACIONADO AO
DESENHO INFANTIL NA ZONA SUL DE SÃO PAULO

São Paulo

2023

Beatriz Marques Ferraz

CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE: O GRAFFITI RELACIONADO AO
DESENHO INFANTIL NA ZONA SUL DE SÃO PAULO

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do título de Licenciado em Artes
Visuais pela Universidade Santo Amaro.

Orientadora: Prof^a Dr^a ELAINE
ALCANTARA FREITAS PEIXOTO

São Paulo

2023

RESUMO: O artigo de cunho qualitativo bibliográfico analisa questões referentes ao desenvolvimento da identidade da criança na pré-escola e sua relação com o desenho infantil. Em razão do aprofundamento em relação ao assunto, investigou-se a seguinte problemática: como o uso do graffiti como ferramenta no desenho infantil na fase pré-escolar da educação básica pode afetar o desenvolvimento da identidade de crianças da zona sul de São Paulo? Com embasamento teórico em Wallon, Vygotsky, e Jenkins, o artigo tem como objetivo geral explorar a relação da identidade e o graffiti na infância. Seus objetivos específicos são compreender: o desenvolvimento da identidade; a importância do desenho na educação infantil; o graffiti como possibilidade artística para crianças; o papel do professor no processo de desenvolvimento. Os resultados encontrados indicam o graffiti como instrumento valioso na educação infantil, assim como a importância da mediação do professor entre o meio social e o indivíduo em desenvolvimento.

PALAVRAS-CHAVE: Desenho Infantil, Ensino Infantil, Identidade, Graffiti.

ABSTRACT: The qualitative bibliographic article analyses issues related to the development of a child's identity in preschool and its relationship to children's drawings. To delve deeper into the subject, the following problem was investigated: how can the use of graffiti as a tool in children's drawing in the preschool phase of basic education affect the development of children's identity in the south zone of São Paulo? With a theoretical basis in Wallon, Vygotsky, and Jenkins, the article's general objective is to explore the relationship between identity and graffiti in childhood. Its specific objectives are to understand: the identity development; the importance of drawing in early childhood education; graffiti as an artistic possibility for children; the role of the teacher in the development process. The results indicate the use of graffiti as a valuable instrument in early childhood education, as well as the importance of the teacher's mediation between the social environment and the developing individual.

KEYWORDS: Children's Drawing, Early Childhood Education, Identity, Graffiti.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. O desenvolvimento infantil e o desenho.....	8
3. Identidade e meio social na educação infantil.....	10
3.1. Identidade no contexto educacional	11
4. Graffiti na zona sul de São Paulo	13
4.1 O graffiti no desenho infantil e a identidade social	15
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
REFERÊNCIAS	18

1. INTRODUÇÃO

O desenho possui presença constante dentro do Ensino Infantil. Como um dos campos de experiência indicados na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), “Traços, sons, cores e formas” são também foco dentro da prática pedagógica (Brasil, 2018). Durante os primeiros anos, enquanto ainda bebês e crianças bem pequenas, as habilidades relacionadas a este campo possuem caráter de desenvolvimento motor. De acordo com Lowenfeld (1976) entre o período de 0 a 3 anos de idade os rabiscos evoluem de simples marcas desordenadas, que possuem propósito de simples satisfação, para intencionais, mas sem apreço à realidade ou intenção de demonstrar sentimentos. Porém, ao atingirem a idade de 4 anos, referente ao início da pré-escola no Brasil, a qualidade de seus desenhos passa a ser representativa, procurando expressar suas vivências e sentimentos através do reconhecimento do seu “Eu” e dos seu mundo (Castro, 2018).

O início da exploração do “Eu” marca com ele o começo do processo de identificação, sendo este outro aspecto abordado dentro do currículo nacional, através do campo de experiência “Eu, o outro e nós” (Brasil, 2018). Para Jenkins (2008), a identidade – sendo esta relacionada a questões tanto biológicas como sexo, cor da pele, ou tipo de cabelo, quanto socioculturais como nacionalidade, etnia ou classe social – é um dos fatores que define as interações entre os indivíduos, do particular para o externo ou do externo para o particular.

Ainda segundo Jenkins (2008), a identidade não é definida apenas como propriedade individual, mas o pertencimento a grupos também classifica interações e proporciona identificação. No Ensino Infantil a competência que trabalha esses conceitos também procura abranger a identidade de acordo com o coletivo (o “nós”) e para que esta seja adequadamente aplicada é necessário considerar o meio social. Segundo a teoria psicogenética de Henri Wallon, o meio social é aquele que proporciona as condições que irão interferir no processo de percepção do mundo, acarretando características que constituem a identidade e personalidade dos indivíduos (Facco; Carneiro, 2023).

Deste modo, uma cidade multicultural como São Paulo, permeada por extremos – ao mesmo tempo em que abriga grandes empresários, também é cenário de grandes pobreza – possui aspectos variantes que qualificaram suas identidades distintas, dependente da região. Em uma área como a periferia da Zona Sul um destes aspectos identitários são os movimentos culturais, que refletem esta pluralidade através da Arte Urbana. São Paulo foi berço do movimento urbano durante a Ditadura Militar como forma de protesto à censura da liberdade de expressão e até os dias atuais mantém em suas expressões o estilo, produzindo principalmente através do graffiti obras e artistas que alcançaram reconhecimento mundial, como Eduardo Kobra, nascido na Zona Sul, que possui um grande mural no bairro do Capão Redondo, homenageando o grupo de rap Racionais MC's, pintado durante a comemoração de 460 anos da cidade de São Paulo (G1, 2014). O graffiti representa uma parte significativa da identidade visual do local, fazendo-se presente em locais e grande movimento urbano como a linha 5-Lilás do metrô da cidade (Estadão, 2023).

Diante deste contexto, a Arte Urbana, em especial o graffiti, desempenha um papel significativo na paisagem da Zona Sul de São Paulo, refletindo as culturas vastas e sua diversidade social. No entanto, sua relação com as crianças da pré-escola da Educação Básica é um tópico que carece de investigações aprofundadas. Considerando as publicações atuais que exploram essas temáticas relacionadas à arte, identidade e ensino como Nascimento (2021), que apresenta uma visão sobre as artes urbanas no contexto pedagógico, Bissoli (2014) que relaciona a personalidade à Educação Infantil, e Lopes (2022) que analisa o ensino através do meio social, é possível apontar uma lacuna entre as temáticas. Considerando esses fatores, a seguinte problematização foi levantada: Como o uso do graffiti como ferramenta no desenho infantil, durante a fase pré-escolar da Educação Básica, pode afetar o desenvolvimento da identidade em crianças da Zona Sul de São Paulo?

O objetivo geral da pesquisa reside em explorar a ligação entre o desenvolvimento da identidade com o uso do desenho como ferramenta no ensino de Artes em crianças do Ensino Infantil na fase pré-escolar da Zona Sul de São Paulo através do graffiti, e consiste em objetivos específicos de compreender o desenvolvimento da identidade como parte integral do ensino, explorar o graffiti como experiência estética na pré-escola

e sua influência no desenvolvimento, e analisar a participação do professor deste processo. Deste modo o seguinte artigo procura possibilitar a ampliação das discussões sobre a educação artística na pré-escola e o desenvolvimento social, de maneira a acrescentar novas relações pertinentes à prática pedagógica e enriquecer a construção de projetos pedagógicos em áreas periféricas da cidade de São Paulo.

A metodologia de pesquisa qualitativa bibliográfica, de caráter exploratório, procura responder a problemática de acordo com algumas etapas. Inicialmente, foram realizadas extensas buscas bibliográficas para compreender as teorias relacionadas à identidade social, desenvolvimento infantil, e a importância da arte na formação cultural. As ferramentas utilizadas para a pesquisa de artigos, teses e dissertações foram as bases de dados Scielo e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, e o buscador Google Scholar. Para livros relacionados foram utilizadas as bibliotecas virtuais e acervo pessoal. Para garantir a relevância da pesquisa na contemporaneidade foram consideradas publicações publicadas entre os anos de 2010 e 2023, salvo referenciais teóricos fundamentais e dados encontrados em livros. A análise dos dados foi conduzida por meio de métodos qualitativos, buscando padrões e significados nos conteúdos explorados em Nascimento (2021), Bissoli (2014), Lopes (2022), Castro (2018), Cunha (2019), e Moreira (2016), com referencial teórico de Wallon (2010), Jenkins (2008), Vygotsky (2008), e Lowenfeld (1976).

2. O desenvolvimento infantil e o desenho

Segundo Piaget (1973 *apud*. Da Silva *et al.*, 2010) o desenho é uma das maneiras sobre qual a criança inicia o processo de atribuição de significados, assim como a linguagem e a brincadeira. Enquanto modalidade educadora, possui funções que englobam o desenvolvimento motor, a capacidade de representação de um indivíduo e sua percepção sobre o mundo. Através do desenho a criança passa por etapas de desenvolvimento, onde primeiro explora o movimento e diferentes superfícies através de rabiscos e conforme desenvolve sua cognição, aprende a representar o que vê a partir de seu ponto de vista, assim como expressar suas emoções, ou seja, apresentar o seu próprio mundo, para então adquirir a capacidade de representar o abstrato (Da Silva *et*

al., 2010).

Essas etapas de desenvolvimento são iniciadas durante o período da Educação Infantil, onde os professores são mediadores deste processo, introduzindo novos níveis de dificuldade para garantir a progressão (Castro, 2018). Lowenfeld (1976 *apud*. Bombonato; Farago, 2016) caracteriza as etapas do desenho infantil em 4 estágios, relacionando cada um a uma faixa etária. Durante o ensino infantil, a criança explora o primeiro estágio, a *Rabiscção desordenada ou Garatuja*, iniciada ao 1 ano e meio de idade, onde a criança rabisca sem pretensão de significação. Aos 2 anos, ela adentra a fase de intencionalidade, ao observar seus desenhos e replicar movimentos, o que caminha para rabiscos que configuram formas geométricas como o quadrado, triângulo e, principalmente, o círculo. Finalmente, na última fase do primeiro estágio, que ocorre entre os 4 e 5 anos, a criatividade começa a fazer parte das produções, assim como as representações de objetos percebidos no mundo (Castro, 2018).

O desenvolvimento através do desenho segue linhas semelhantes à teoria do desenvolvimento cunhada por Vygotsky (2013 *apud*. Bissoli, 2014), que aponta a faixa etária dos 3 aos 6 anos como o ponto onde as crianças – já capazes de generalizar objetos através da memória, e ter pensamentos verbais – entram em fase de reconhecimento do “eu”, adquirindo assim a habilidade de diferenciação entre os adultos e outras crianças, o “outro”, entendendo-se como ser independente. A partir deste momento, a criança entra em uma fase de brincadeira imaginativa, onde é capaz de reconhecer os papéis sociais dos adultos e, através de espelhamento, replicar as ações dos adultos ao seu redor em um “faz-de-conta” (Bissoli, 2014). Lowenfeld (1976) chama esse processo de fabulação e, dentro do desenho caracteriza o entendimento de símbolos nas suas produções artísticas, assim como a representação da figura humana mais detalhada, incluindo características físicas específicas (Bombonato; Farago, 2016).

Quando a fase de representação é atingida, o processo de identificação atinge novas complexidades. Através das distinções agora feitas, o desenho assume um novo papel na educação como fonte de expressão sobre essas novas descobertas, desencadeando a experimentação dos aspectos que compõem a personalidade e o senso de identidade. Segundo Strey (1987 *apud*. Castro, 2018) “(...) cada desenho é um

reflexo da personalidade de seu autor; (...) expressa aspectos afetivos da personalidade, tanto quanto cognição; [este] fala no caso de crianças pequenas, mais sobre o artista do que sobre o objeto retratado” (p. 61).

Em vista disso, o desenho apresenta-se como recurso necessário no desenvolvimento, e sua presença na educação infantil não pode ser ignorada. Segundo Cunha (2019) o desenho como proposta de atividade possibilita à criança expressar de maneira visual as suas impressões do mundo e seus sentimentos em relação a ela mesma e os outros, assim como ao professor possibilidade de compreender esses pensamentos e perspectivas, de modo a ser considerado uma das linguagens usadas para a comunicação nesse período. Assim, é enfatizado pela autora o uso do desenho na pré-escola de forma livre, onde é responsabilidade do professor disponibilizar instrumentos para que a atividade seja realizada.

Castro (2018) também frisa o papel do desenho no desenvolvimento infantil e ainda indica a motivação do educador e de outros adultos na vida da criança como fator na frequência sobre qual o desenho é executado na sala de aula, reforçando o incentivo como impulsor para a atividade.

O desenho infantil é amplamente aceito como um dos recursos mais efetivos no desenvolvimento humano, pois engloba questões motoras, cognitivas e identitárias que podem ser trabalhadas com certa facilidade, visto que o ato de desenhar é uma atividade natural do ser humano, por esta razão é integrado no Ensino Infantil desde sua fase inicial, e ganha complexidade junto ao progresso da criança. Neste momento, o professor passa de incentivador para instigador das produções, de maneira a ampliar as perspectivas do indivíduo em relação aos seus sentimentos e ao seu meio social. Através destes desenhos, a criança explora o mundo e o significa, ou seja inicia seu processo de identificação e introdução à sociedade.

3. Identidade e meio social na educação infantil

A identidade não pode ser caracterizada como um objeto possessivo, onde o

indivíduo a detém, nem como objeto de ação, ditando as atitudes das pessoas e sendo performada por elas, segundo Jenkins (2008). Para o autor, o conceito de identidade dentro da sociedade é definido de forma plural e circunstancial, onde um único indivíduo é formado por diversas identidades e a maneira como as pessoas se identificam depende de seu meio, podendo ser modificada de acordo com os interesses pertinentes de uma ambientação. Assim, os processos de identificação são dependentes de diversos fatores, internos e externos, e geram identificações múltiplas (Jenkins, 2008).

Wallon indica em sua Teoria Psicogênica que existem três diferentes meios ao qual o indivíduo desenvolve suas identificações:

“(...) o físico-químico, que diz respeito às condições presentes no ambiente, como a água, oxigênio etc.; o biológico que sobrepõe ao anterior e se refere às relações que o homem mantém com as outras espécies existentes no planeta; e por último o social, que assume o papel na determinação das condições de interação que o sujeito vivenciará mediante as circunstâncias proporcionadas por este.” (Facco; Carneiro, 2023, *on-line*)

A importância do meio social é destacada pois, segundo o autor, essas interações sociais constituem a malha da personificação, através da percepção do externo (Facco; Carneiro, 2023).

A interação com o outro que proporciona a identificação coletiva, é a formação de grupos. Jenkins define esse agrupamento identitário como “produto da *definição coletiva interna*” (2008, p. 105, tradução nossa), referente à aproximação de pessoas que já conhecem, onde é possível identificar as similaridades e diferenças entre os seus membros e promover o senso de pertencimento. Ao estabelecer a *definição coletiva externa*, por sua vez, a distingue da identificação de grupos, indicando esta definição como Categorização, onde mesmo em estado de estranhamento pessoal, os sujeitos são capazes de reconhecer-se como parte de um coletivo, ou reconhecer um conjunto de pessoas como categorias distintas da sua e uma das outras. Esse processo possibilita a ideia de que é possível saber o que esperar algo ou compreender algo sobre alguém sem mesmo conhecê-lo (Jenkins, 2008).

Para Wallon, o agrupamento possui significância no desenvolvimento do indivíduo ao caracterizar a gênese das práticas sociais, auxiliando o processo identitário e a formação de sujeitos sociais pertencentes ao seu espaço (Facco; Carneiro, 2023).

3.1. Identidade no contexto educacional

Na Educação Básica a identidade protagoniza um dos principais campos de experiência a ser trabalhado nesta etapa crucial do desenvolvimento. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) justifica o campo “O eu, o outro e o nós” nesta etapa:

“É na interação com os pares e com adultos que as crianças vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que existem outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vista. Conforme vivem suas primeiras experiências sociais (na família, na instituição escolar, na coletividade), constroem percepções e questionamentos sobre si e sobre os outros, diferenciando-se e, simultaneamente, identificando-se como seres individuais e sociais. Ao mesmo tempo que participam de relações sociais e de cuidados pessoais, as crianças constroem sua autonomia e senso de autocuidado, de reciprocidade e de interdependência com o meio.” (Brasil, 2018 p.40)

Lopes (2022) indica que o estímulo desta competência possui efeitos essenciais para o desenvolvimento da identidade na infância. Por meio do ensino infantil, o professor possibilita à criança novas experiências sociais que expandem seu repertório em diferentes áreas do conhecimento, apresentando novos significados relacionados ao convívio social e ao mundo externo e interno que serão internalizados. No âmbito escolar, durante a pré-escola, o professor exerce sua posição mediadora entre o sujeito e as novas descobertas, também facilitando a relação entre diferentes grupos, de modo a permitir que o processo de percepção do estranho aconteça de maneira aditiva e eficiente.

Segundo Wallon, um instrumento essencial para essa mediação é o uso da afetividade, sendo essa a capacidade de ser afetado por algo, pois indica as emoções como antecedentes de qualquer outro modo de conexão. Deste modo, um bom relacionamento entre professor e aluno pode auxiliar a mediação para a adaptação da

criança ao meio (Facco; Carneiro, 2023).

Ademais, para que o desenvolvimento aconteça em bases promissoras, o professor necessita, além de capacidade mediadora, a noção das principais fontes determinantes neste processo de experimentação. A competência de identificação, além de dependente do contexto familiar – este sendo o primeiro meio em qual o indivíduo é socializado, seu primeiro grupo identitário – apoia-se na ambientação local em qual os grupos sociais são formados, para contextualizar os objetos de identificação (Cunha, 2019).

Vygotsky aponta como parte do meio social o elemento da cultura, definindo a produção cultural como: “(...) totalidade das produções humanas (técnicas, artísticas, científicas, tradições, instituições sociais e práticas sociais). Em síntese, tudo que, em contraposição ao que é dado pela natureza, é obra do homem” (Sirgado, 2000 p.54). Deste modo, a mediação entre a criança e seu meio é também apresentar aspectos culturais relativos ao seu espaço, sendo então função do professor, além da mediação entre grupos distintos, introduzir informações pertinentes ao seu espaço e aos seus conceitos culturais para a evolução satisfatória do desenvolvimento infantil (Bissoli, 2014).

Promover o desenvolvimento da identidade é promover a integração do sujeito à sociedade. Por meio da identificação é possível compreender diferentes aspectos da vida social e quais fatores determinam quem sou “eu” e quem é o “outro”, assim como os pontos de convergência entre esses dois sujeitos, o “nós”.

Embora conceitos complexos de coletividade e agrupamento não são correspondentes ao Ensino Infantil, é neste momento onde as bases fundamentais são formadas, através da interação com outras crianças e adultos fora de seu âmbito familiar. Dentro do ambiente escolar a criança passará por fase de estranhamento, visto que estará sendo introduzida a um grupo diferente daquele que já é conhecido, sendo então necessária a ação mediadora do professor, que deve entender que a criança já possui uma bagagem identitária vinculada a sua família e também pertence a um cenário cultural específico referente ao seu meio social.

A mediação agregará experiências que farão o indivíduo assimilar aquilo que é semelhante e o que se difere, na multitude da diversidade social. O afeto, nesse processo, serve como objeto conector entre a confiança que se é estabelecida entre professor e aluno e o desconhecido, de modo a promover a aceitação com base no respeito. Portanto, o processo de identificação possibilita à criança a expansão de conhecimento do seu meio social e cultural, e estimula a ideia de pertencimento.

4. Graffiti na zona sul de São Paulo

Para que seja possível a formação da identidade é preciso adentrar questões específicas da configuração cultural de um lugar, sendo assim, focando na cidade de São Paulo, os aspectos culturais são múltiplos, devido à sua pluralidade populacional. Em relação ao mundo das Artes, a cidade comporta grandes museus de arte tradicional e moderna, e também um dos maiores cenários de arte urbana no mundo e entre elas, o graffiti é um dos mais conhecidos (Marangão, 2020).

O graffiti como manifestação artística tem como origem o movimento contracultural político estabelecido em Paris na década de 60, porém o ato de ilustrar a sua percepção da realidade e seus pensamentos em paredes acompanha o ser humano desde o início de sua história. Através dos anos, a arte rupestre, que servia como forma de comunicação e registro do espaço, assim como expressão pessoal, é substituída pelas reproduções religiosas no interior de igrejas durante a Idade Média. A Arte então abandona a parede como suporte em favor às telas e chapas de madeira em espaços eruditos, tornando-a espaço para as demonstrações artísticas da população (Moreira, 2016).

O graffiti tem como seus primeiros registros as paredes do Império Romano, onde a população reproduzia imagens e palavras de mais variados significados, mas realmente ganha força como movimento artístico nas periferias dos Estados Unidos, séculos depois, na década de 1970. Apesar da conotação política em Paris no ano de 1968, em Nova York inicialmente aparece como meio de comunicação entre as gangues e somente ganha seu caráter de resistência política ao ser incorporado à cultura do Hip-

Hop (Moreira, 2016).

Foi no fim da década de 70 quando o graffiti chegou ao Brasil, durante o período da Ditadura Militar, usando a tinta e a parede como modo de protesto contra as ações do governo. Os artistas utilizavam o espaço público para fazer críticas ao Estado, assim como o próprio conceito do fazer artístico. No princípio, o graffiti e a pichação eram sinônimos no entendimento público, porém a distinção estética entre os dois fizeram-se evidentes, e o graffiti passa a ter caráter mais ilustrativo, primeiro em pequena escala, logo expandindo-se para desenhos maiores e complexos (Campos, 2019).

Enquanto o graffiti é presente em diversos locais no mundo, no Brasil a cidade de São Paulo é um de seus grandes focos (Campos, 2019). A cidade foi um dos palcos das transformações que ocorreram no gênero relacionado a sua bifurcação da pichação e nos dias atuais este movimento é considerado um dos seus atrativos. Locais como o Beco do Batman, na zona oeste, e o Museu Aberto de Arte Urbana (MAAU), na zona norte, são pontos turísticos populares, mas o que caracteriza o movimento em seu cerne são os trabalhos encontrados em grandes espaços públicos como ruas e avenidas.

A zona sul da cidade é um ponto de alta concentração de pinturas urbanas. Segundo Marangão (2020), o graffiti da zona sul, em específico das áreas periféricas, possui aspectos identitários que o difere daqueles que são vistos nos pontos turísticos. Este graffiti contém caráter fundamentado no cotidiano das pessoas destas áreas e reflete suas inquietações através de estética específica, priorizando o significado de seus desenhos, enfatizando a necessidade do observador de compreender as nuances referentes àquele meio social e cultural. Artistas locais que produzem em outros espaços da cidade e até mesmo fora do país trazem esta bagagem em seus trabalhos, assim como um dos nomes mais famosos do graffiti nacional, Eduardo Kobra, nascido na área do Campo Limpo, na zona sul, que apesar de possuir murais em diversos países diferentes, tende a manter o mesmo cunho social de seus projetos feitos na região (Campos, 2019).

Com esta presença tão marcante, considerando o pensamento de Vygotsky (Sirgado, 2000) acerca do impacto do ambiente no desenvolvimento daqueles que o

habitam, é seguro afirmar que o graffiti na zona sul de São Paulo causa influência na população desde os seus primeiros anos de vida.

Segundo Nascimento:

“ (...) o trabalho com arte urbana, especificamente o grafite, necessita de visibilidade principalmente no âmbito educacional, uma vez que dentro do conhecimento do senso comum esta manifestação artística é marginalizada, sendo assim, estereotipada como algo negativo” (2021, p.11).

Apesar de sua constância e reconhecimento, ainda existem limitações na introdução do graffiti na Educação Básica. O Currículo Paulista menciona o movimento pela primeira vez apenas no último ano do ensino fundamental como habilidade adquirida (São Paulo, 2018). Nascimento (2021) aponta a necessidade da criação de experiências estéticas diversificadas nos anos iniciais da educação, de modo a incentivar a evolução das competências estéticas, já que neste período dificilmente a criança buscará aprimorar essas percepções culturais sem mediação.

A autora aponta o desenho como ferramenta nessa aproximação entre a criança e o fator cultural, pois as crianças na faixa etária dos 3 aos 5 anos tendem a reproduzir os elementos do seu meio social em suas produções, sendo assim, o graffiti, que possui características similares ao propósito do desenho infantil – expressão pessoal, reconhecimento do outro, comunicação – se apresenta como instrumento na mediação do processo de significação entre a criança e seu meio (Nascimento, 2021).

4.1 O graffiti no desenho infantil e a identidade social

Compreendendo o espaço que o graffiti ocupa no meio social das crianças da zona sul de São Paulo, pode-se apontar como imperativo sua inclusão no Ensino Infantil, tendo em conta a relevância do meio no processo de identificação em sua fase inicial. Nascimento (2021) afirma que a inclusão desta forma artística no desenho, através de releituras ou mesmo a simples exposição aos muros pintados da cidade, ocasiona na percepção de seu espaço como ambiente artístico, além de resultar no reconhecimento

do seu próprio cotidiano nos muros e paredes da sua cidade.

Esse tipo de reconhecimento reforça o pensamento de Jenkins (2008) sobre o pertencimento ao coletivo, já que este faz parte da premissa da identidade social. Ao poder produzir representações visuais que espelham o seu dia-a-dia, assim como suas emoções e inquietações, a criança começa a identificar essas características ao seu redor, tornando-se mais conectada ao seu meio social. O processo de formação do indivíduo deve abranger suas necessidades pessoais e sociais, logo a inserção graffiti no desenho infantil pode acelerar o progresso do senso de pertencimento.

Além destas questões, o graffiti no desenho infantil também proporciona a ampliação do conhecimento estético, visto que apresenta características distintas das obras de arte tradicionais, porém utiliza de elementos estéticos que se aproximam dos atributos do desenho infantil, como linhas e cores fortes, proporções exageradas e rabiscos, desse modo pode ser apresentado como porta de entrada para outras experiências estéticas.

Em meio aos pontos apresentados, também é indicado o papel do professor como de suma importância na mediação da formação de identidade, assim como no desenvolvimento através do desenho. A mediação do professor não deve buscar ser feita em forma de passos a serem seguidos e deve possuir caráter guiador nas produções artísticas, instigando novas perspectivas através de problematizações conforme o desenvolver da criança. A apresentação às diferentes possibilidades artísticas também é responsabilidade do professor, considerando a assimilação do meio e a evolução através do estranhamento. O professor ao introduzir a questão do graffiti nos anos iniciais pode possibilitar às crianças da zona sul de São Paulo aceleração de todas as capacidades impulsionadas pelo desenho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo apresentado buscou responder a questão de como o graffiti no desenho infantil pode afetar o processo de identificação durante a pré-escola da Educação Básica.

Após a análise do material bibliográfico pertinente, foi possível apontar o graffiti como elemento crucial do cenário artístico e cultural da cidade de São Paulo e seu uso no desenho infantil mostra-se instrumento de valor no processo de identificação.

Ao discorrer sobre o desenvolvimento da identidade, demonstrando grande influência do meio social cultural, é possível apontar o uso do graffiti como possibilidade estética para crianças na faixa etária dos 3 aos 5 anos como forma de reconhecimento do contexto em qual vivem, assim como método de expressão pessoal e o desenvolvimento das capacidades de percepção do “eu” e do “outro”. A presença do professor também é vista como instigadora no processo de aprendizagem desenvolvimento. Considerando essas descobertas é possível afirmar que os objetivos de pesquisa apresentados foram atingidos.

Embora os resultados mostrem-se de acordo com os objetivos propostos, é concebível apontar as limitações da pesquisa. A pesquisa foca em uma área específica da cidade de São Paulo, porém, como antes citado, a cidade possui multitudes amplas em todos os seus aspectos, assim os resultados podem ser variados dependendo do local estudado. Além disso, a pesquisa de cunho bibliográfico analisa o tema em âmbito teórico. A aplicação de projetos pedagógicos direcionados à questão principal da temática aqui discutida pode fornecer resultados mais conclusivos.

Aprofundar as pesquisas relacionadas ao ensino de Artes em áreas como a zona sul de São Paulo pode produzir efeitos positivos na preparação dos professores que irão interagir com a população destas áreas em seus planos pedagógicos, além de ampliar o entendimento da população local e suas culturas, resultando em um ensino mais eficiente.

REFERÊNCIAS

ARTISTA retrata “Racionais” para os 460 anos de SP em mural na Zona Sul. **G1**, São Paulo. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/01/artista-retrata-rationais-para-os-460-anos-de-sp-em-mural-na-zona-sul.html>>. Acesso em: 14 Nov. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BISSOLI, M. F. Desenvolvimento da personalidade da criança: o papel da educação infantil. **Psicologia em Estudo**, v. 19, n. 4, p. 587–597, dez. 2014.

BOMBONATO, Giseli Aparecida; FARAGO, Alessandra Corrêa. As etapas do desenho infantil segundo autores contemporâneos. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro-SP, vol. 3. N. 1, p. 171-195, 2016.

CAMPOS, Evandra Bartira Varelo de. Grafite: Manifestação artística presente no estado de São Paulo e suas implicações sociais e culturais . **REUNI**, Jales: UNIJALES, ed. X, p. 74-94, 2 dez. 2019. Anual. Disponível em: <https://reuni.unijales.edu.br/edicoes/revista-cientifica-do-centro-universitario-de-jales-x-edicao-2019-issn-1980-8925>. Acesso em: 2 nov. 2023.

CASTRO, Joana Cristina Fernandes Regedor de. **O desenho como recurso educativo para a compreensão da identidade da criança**. 2018. 231 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, Porto, 2018.

CUNHA, Natália Marina Dantas. **A mediação pedagógica na interação de crianças com o desenho na educação infantil**. 2019. 177 f. Monografia (Especialização) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

DA SILVA, Elizangela Aparecida; OLIVEIRA, Fernanda Rodrigues; SCARABELLI, Letícia; *et al.* Fazendo arte para aprender: A importância das artes visuais no ato educativo. **Pedagogia em Ação**, vol. 2, no. 2, p. 95–104, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/4850>>. Acesso em: 14 Nov. 2023.

JENKINS, Richard. **Social Identity**. 3. ed. Abingdon: Routledge, 2008.

FACCO, Andréa Luquetti; CARNEIRO, Ivonice Araujo. A TEORIA PSICOGENÉTICA DE HENRI WALLON:: CONTRIBUIÇÕES À EDUCAÇÃO INFANTIL. **Revistaft**, Rio de Janeiro: Oston, ed. 122, n. 23, 3 maio. 2023. Mensal. Disponível em: <https://revistaft.com.br/a-teoria-psicogenetica-de-henry-wallon-contribuicoes-a-educacao-infantil/>. Acesso em: 12 nov. 2023.

LOPES, R. de C. de V. . Educação e meio social: influências para a formação da identidade infantil. **Ensino em Perspectivas**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 1–10, 2022. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/8833>. Acesso em: 8 nov. 2023.

MARANGÃO, Camilla Rodrigues. **O grafite e a ocupação dos espaços na cidade de São Paulo**. Orientadora: Sonia Maria Vanzella Castellar. 2020. 124 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Científica, Matemática e Tecnológica, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

MOREIRA, Virgínia Gabrielle Silva. **Grafite é Arte**: Conhecendo e explorando o Grafite como ensino em Artes Visuais. Orientadora: Melissa Etelvina Oliveira Rocha. 2016. 36 f. TCC (Especialização) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Arte, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

NASCIMENTO, Joyce Marcelle Guerra do. **A Arte Urbana como possibilidade de experiências estéticas na educação infantil**. 2021. 54 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2021.

PROJETO de arte urbana completa pinturas em 37 pilares da Linha 5-Lilás do Metrô. **Mobilidade** **Estadão**, 2023. Disponível em: <<https://mobilidade.estadao.com.br/mobilidade-para-que/dia-a-dia/projeto-de-arte-metro-lilas/>>. Acesso em: 8 nov. 2023.

SECRETARIA da Educação do Estado de São Paulo. União dos Dirigentes Municipais de Educação do Estado de São Paulo. **Currículo Paulista** (Versão 1). São Paulo: SEE-SP/UNDIME-SP, 2018.

SIRGADO, Angel Pino. O social e o cultural na obra de Vigotski. **Educação & Sociedade**, Campinas: Centro de Estudos Educação e Sociedade, ed. 21, ano 2000, n. 71, p. 45-78, Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/gHy6pH3qxxynJLHgFyn4hdH/?lang=pt>. Acesso em: 12 nov. 2023.

Plano de Aula:
Explorando o Graffiti na Educação Infantil

Tema:
Introdução ao Graffiti como Expressão Artística na Educação Infantil
Competências Específicas (BNCC):
Expressar-se por meio de diferentes linguagens artísticas. Compreender a importância da arte na formação cultural e social.
Habilidades (BNCC):
Explorar materiais variados com possibilidades de manipulação (lápis de cor, tinta guache, etc.). Expressar-se por meio da linguagem visual (desenho, pintura, colagem, dobradura, entre outras). Experimentar e explorar possibilidades de uso das tecnologias digitais disponíveis na escola.
Objetivos:
Introduzir os conceitos básicos do graffiti como forma de expressão artística. Estimular a criatividade e expressão individual das crianças por meio do desenho e pintura. Promover a valorização da arte urbana e sua importância cultural.
Conteúdo:
Definição e origem do graffiti. Elementos básicos do graffiti: letras, personagens, cenários. Técnicas de pintura e materiais utilizados no graffiti. Exploração criativa: desenho e pintura de graffiti pelos alunos.
Duração:
2 aulas.
Recursos Didáticos:
Projeto multimídia. Papel craft ou cartolina. Lápis de cor, canetas coloridas, tintas e pincéis. Fotos ou vídeos de grafites famosos para inspiração.
Metodologia:

Apresentação Teórica: Breve introdução sobre o que é o graffiti, sua história e seus elementos básicos. Uso de imagens para exemplificar diferentes estilos e técnicas. Demonstração Prática: Demonstração de técnicas básicas de pintura de graffiti em papel, utilizando diferentes materiais. Os alunos serão encorajados a participar ativamente e fazer perguntas. Atividade Prática: Os alunos serão divididos em grupos e terão a oportunidade de criar seus próprios desenhos de graffiti em papel, utilizando as técnicas aprendidas. O professor irá circular entre os grupos, fornecendo orientações e feedbacks conforme necessário. Apresentação e Discussão: Cada grupo apresentará sua obra aos colegas, explicando suas escolhas artísticas. Em seguida, haverá uma discussão em grupo sobre a experiência e a importância do graffiti como forma de expressão.
Avaliação: Participação ativa dos alunos durante a atividade prática. Criatividade e originalidade demonstradas nos desenhos de graffiti. Compreensão dos conceitos básicos do graffiti durante a discussão em grupo.
Referências: MOREIRA, Virgínia Gabrielle Silva. Grafite é Arte: Conhecendo e explorando o Grafite como ensino em Artes Visuais. Orientadora: Melissa Etelvina Oliveira Rocha. 2016. 36 f. TCC (Especialização) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Arte, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. NASCIMENTO, Joyce Marcelle Guerra do. A Arte Urbana como possibilidade de experiências estéticas na educação infantil. 2021. 54 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2021. SIRGADO, Angel Pino. O social e o cultural na obra de Vigotski. Educação & Sociedade, Campinas: Centro de Estudos Educação e Sociedade, ed. 21, ano 2000, n. 71, p. 45-78, Disponível em: https://www.scielo.br/j/es/a/gHy6pH3qxxynJLHgFyn4hdH/?lang=pt. Acesso em: 12 nov. 2023